

O



ESPELHO

REVISTA SEMANAL

DE

LITTERATURA, MODAS, INDUSTRIA E ARTES

POR

F. ELEUTERIO DE SOUSA.

N. 4.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64.

1859.

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO.— Prospecto.—4 de Setembro.—Romance, Amor de mãe.—A miseria.—As allucinações.—As lixas.—O espelho.—Poesias: Nicolao, A estrella da tarde, Ultimo alento, A flor e a nuvem.—Chronica elegante.—Noticias á mão (chronica da semana) e D. Stephanía.

PROSPECTO.

Não foi sem havermos profundamente reflecido que nos resolvemos a publicar o *Espelho*. Pesamos todos os *pró* e os *contra*; lebramo-nos da sorte que tem tido todos os nossos irmãos desta grande seita fundada por Guthemberg, medimos os obstaculos que naturalmente virão antepor-se ao nosso caminhar, medimol-os todos, e aprestando as nossas forças preparamo-nos para affrontal-os um a um.

Pelo bom ou máo exito de nossa empreza só o futuro responderá. E' nelle confiado que nos decidimos a combater até a ultima, no centro desta immensa arena dominada pelo indifferentismo.

O *Espelho* vai pois aparecer como um protesto a esse mesmo indifferentismo, que faz morrer a intelligencia, ainda quando o pensamento começa a adejar deixando ver as primissas de um futuro risonho.

Por ora nada mais promettemos do que a nossa boa vontade para fazermos com que esta revista tenha a maior circulação possivel. O meio é sómente um: tornal-a variada, mas de uma variedade que deleite e instrua, que moralise e sirva de recreio quer nos salões do rico, como no tugurio do pobre.

Para esse fim temos em vista a publicação dos romances originaes ou traduzidos, que nos parecerem mais dignos de ser publicados, artigos sobre litteratura, industria e artes, poesias, e tudo quanto possa interessar ao nosso publico e especialmente ao bello sexo. Tambem publicaremos o que de novo apparecer sobre modas e oportunamente daremos os mais modernos figurinos, que de Paris mandaremos vir, e bem assim retratos e gravuras.

Ao talento e á intelligencia não fechamos as columnas desta revista: pelo contrario, lisonjear-nos-hemos se de qualquer forma podemos animar a esta brillante mocidade, que com os seus vôos de aguia procura abraçar o futuro.

E' sabido quanto são escassos os meios entre nós de desenvolver-se a intelligencia, que também necessita de um sopro vivificador que a anime.

Jornaes litterarios pode-se dizer que não os ha nesta vasta capital; e pois será esse um duplo merecimento que teremos. Pugnamos pelo progresso ao mesmo tempo que tentamos satisfazer a nossa missão.

O *Espelho* será pois o pequeno reverbero de uma parte desses raios com que a intelligencia procura iluminar o mundo.

Da acceitação que lhe derem os leitores depende o seu futuro; é ella quem marcará as dimensões de sua grandeza, a extensão de seu curso, a sua vida ou a sua morte.

4 de Setembro.

O jornal da mocidade, com suas aspirações liberaes, faz coincidir a sua apparição com este dia que celebra o anniversario de um consorcio imperial.

Não entra nos limites das nossas vistos fazer oscilar o insensorio das cortezanias banaes em roda dos thronos omnipotentes. Mas compadecem-se com as nossas intenções estas linhas de saudação, quando no throno que olhamos ha alguma cousa acima da realesa : o amor das letras e a caridade prática ; a religião do espirito, e a religião do coração.

Nós saudamos coma nossa entrada na imprensa este dia que nos recorda um consorcio que para garantia das liberdades publicas, assinalou a mão do destino. A Princeza que trazia consigo as tradições santas de um paiz da liberdade e da historia — uniu-se, fazem hoje annos, pelos elos do matrimonio, ao Príncipe cujo throno se erguerá no meio das convulsões revolucionarias de um povo inteiro. Ambos vinham com o sorriso nos labios e o amor no coração presidir aos destinos de um paiz livre. Ambos tinham aprendido na historia sanguinolenta dos thronos do passado, que o absolutismo não pode ser um apanhado do seculo XIX, e que acima da cabeça dos reis ha alguma cousa de mais santo para os povos : a liberdade.

Sobre ella viram elles que se fundaram todas as civilisações modernas. Não podendo fugir deste facto, assim pela propria índole, como pela corrente dos acontecimentos, curvaram-se sobre os preceitos de uma carta e fundaram a monarchia da ilustração e da liberdade, de todas as virtudes do coração e do espirito. Era uma conquista para o povo que se fatigara n'uma revolução de largos annos.

A este anniversario, a esta recordação histórica de tão alta importancia, prendemos nós o berço da nossa empreza. Bom agouro de vitalidade ha aqui nesta resolução. Em Roma antiga haviam Augustos, e Roma não estava no seculo XIX. Hoje á sombra das purpuras medra a intelligencia como naquelle tempo. Mas o que então era uma aberração individual, é hoje a primeira virtude civica dos reis.

Desta verdade estamos nós convencido ; nem ha contraria aquillo que se manifesta á luz do seculo.

O povo festeja este anniversario com demonstrações vivas e tocantes como só as pôde dar um povo. Nós, cabeças de vinte annos, nós a vanguarda da humanidade, saudamol-o e festejamol-o com a crystallisação de uma idéa, com a apparição

de um jornal, e lisongeamo-nos pela coincidência deste dia.

Revelada esta intenção, não occultaremos a segunda, por isso que a ella se prende tma das probabilidades vitaes da idéa que realizamos hoje. Com a nossa revista subimos á tribuna da imprensa; que um raio desse dia nos anime e nos inspire. Que sobre nós se estenda a protecção d'Aquelle, cujo consorcio hoje festejamos, por que só com ella poderá viver e florescer esta empreza infantil.

O jornal, disse algures um dos nossos irmãos pelas letras, é a democracia-prática pela intelligentia. Nós levamol-o pois ao seio daquelles reis altamente liberaes, e altamente democraticos. Elles sabem como são santas as aspirações da mocidade e estenderão a mão aos ousados peregrinos que por caminhos tão asperos, por tão bravias encostas lá vão galgando os Alpes da imprensa e do futuro.

Com esta convicção no espirito entramos nós na arena. De um lado a protecção publica, do outro lado a protecção imperial, caminharemos embalado por estas duas afseções, ambas valiosas, legítimas ambas.

Não nos faltem elas e a nossa revista poderá desassombrada caminhar ao lado de todos os seus companheiros de trabalho, partilhando com elles a mesma gloria. Não nos faltem elas, e estamos certo que nos aguardará um prospero e lisongeiro futuro.

Não fazemos aqui um segundo prospecto : fallamos agora ao throno, como no prospecto fallámos ao publico. Nós levamos nesta luta muita vontade, e muita fé, dous meritos, duas probabilidades de futuro. Dispostos vamos a cumprir nossa missão até ao aniquilamento da nossa derradeira esperança. Sabemos que será uma tarefa difícil, mas é que collocamos acima dos obstáculos do caminho a estrela das nossas intenções, de nossos fins.

Para elle caminharemos com o hymno nos labios e o ardor e a vontade no espirito.

E' como que um destino.

Mas será doce, muito doce essa romaria se como bordão levarmos a benevolencia de um olhar imperial. Desse consorcio de incentivo e aspirações conseguiremos alguma cousa de bom, algum resultado verdadeiramente valioso. Não occultamos o desejo dessa união : pelo contrario, nelle, como em nossa vontade, como na estima publica, confiamos o desenvolvimento total, a realização completa de nossas idéas e de nossas intenções.

AMOR DE MÃI

ROMANCE ORIGINAL

POR

M. DE AZEVEDO.

CAPITULO I.

A DOUDA.

A praia denominada hoje Copacabana era conhecida antigamente pelo nome de Sacopenopan. O monte alto e sombranceiro, por junto do qual fica a passagem para essa praia, era coroado por um reducto chamado *Fortaleza do Leme*, mandado construir pelo vice-rei marquez do Lavradio. Alguns devotos cheios de religião e de fé edificaram em um pequeno outeiro junto á praia a ermida de N. S. da Copacabana.

Outr'ora faziam-se festas nessa ermida, e muitos romeiros se dirigiam á capella de Nossa Senhora da Copacabana, levando promessas ao orago da pequena igreja.

Todos sabem quão aprazível e ameno é este lugar. Uma praia extensa, coberta de areia fina e branca, e batida pelo mar, que ahi quasi sempre se mostra bravio, forma com as montanhas que a cercam uma linda enseada. Desses montanhas nasce um rio, que trazendo uma agua limpa e pura, atravessa a praia e vai perder-se no mar. Em uma das extremidades da praia ve-se a ermida de Nossa Senhora da Copacabana, como já dissemos, sobre um pequeno monte de pedras, onde as ondas se vem quebrar, como querendo beijar os pés da Mâi do Creador.

Conta-se, que em 1828, quem passasse em horas mortas pela praia da Copacabana, veria junto á ermida um vulto vestido de branco, que ora ajoelhava-se, ora começava a caminhar e a cantar. O que isso fosse ninguem o sabia. Alguns diziam, que era um phantasma; outros que era a alma de algum peccador, que andava penando em redor da pequena igreja; estes julgavam, que era o diabo, que queria entrar na capella de Nossa Senhora; aquelles pensavam que era a propria Santa, que sahia de noite da sua capella!

Entretanto alguns, ou porque tivessem mais animo, ou porque fossem mais curiosos, tinham procurado informar-se melhor desse ente misterioso, que em geral enchia de medo e terror a todas as pessoas, que viviam por aquelles arredores, e tinham descoberto que esse vulto, que causava tanto susto, não era mais do que uma pobre louca, que vagava ou pelas praias, ou pelos montes, sem offendrer, sequer, os passaros dos bosques no meio dos quaes vivia.

Mas quem era essa louca, d'oncde viera, qual o seu nome?

Eis o que ninguem sabia.

E assim vivia essa pobre mulher por aquelles montes, soffrendo frio, e talvez fome, dormindo ao relento, e, ou chorando, ou rindo-se, como choram e riem os loucos.

Essa infeliz sentava-se as vezes na praia, e olhando para as ondas, que vinham molhar-lhe os pés, começava a cantar, com voz sonora e triste, estes sentidos versos :

Tão formoso alli descansa,
No seu berço de esperança,
Dormindo na paz de Deus ;
Os anjinhos o embalando
O fazem ir já sonhando
Que está dormindo nos céos.

Silencio — ondas do mar,
Deixai tambem descansar,
Aquella linda criança ;
Abrandai, meu Redemptor,
Das ondas tanto furor:
Não deve o mar ter bonança ?..

Mas lá sóbe a onda ingente,
Cheia de escuma, fremente
E alta como a montanha ;
Na escuma leva um menino,
Coitado ! tão pequenino
Socorro ! — ninguem o apanha !

Morreu meu filho no mar,
Mas que digo ! o vi nadar
Sobre as azas de um anjinho ;
Porém lá vejo boiando...
No mar se vai mergulhando,
Coitado ! morreu sosinho !..

• • • • •
Aquella estrella dos céos,
Que brilha tanto, meu Deus,
Sahio do fundo do mar :
Do meu filhinho querido
E' retrato parecido,
Ah ! meu Deus, deixai-me olhar.

E a douda começava a chorar como uma criança. De repente ajoelhava-se na areia, e dizia no meio do pranto e do martyrio :

— Meu Deus ! alli está o meu filho, salvai-o, a onda o leva, lá está elle boiando no mar, as ondas suspendem o seu corpo ao céo ; ah ! elle vai morar com os anjos. Porém que vejo ! lá vem elle, lá está o seu corpo envolvido na escuma e na areia do mar ; o oceano abre um abysso, e o

meu filho desaparece... Socorro, meu Deus, salva meu filho...

— Mas, eu sonho; meu filho não morreu, alli está dormindo como um anjinho; e como é formoso! ah! tenho medo de beijal-o para não perturbar o seu sonno.

Porém essa côr pallida e macilenta da face, esses olhos vidrados, esses labios roxos, esse frio de gelo, ah! está morto! coitado! coitado!..

E a pobre mulher continuava a chorar, porém enxugando as lagrimas com as costas da mão, dizia com um sorriso de douda:

— Sim, estou louca, pois o meu filho não está no céo! alli o vejo rindo-se e brincando com os anjinhos. Ah! os anjos o estão chamando; sim, é elle, é elle.

Depois a douda levantava-se, e começando a passear pela praia, ia atirando ao mar todas as pedras, que encontrava pela areia.

Quem olhasse para essa mulher, veria quanto era bello e sympathetico o seu semblante, apesar de amortecido pela dôr e pelo sofrimento. O seu rosto era pallido e sereno como o da imagem de uma madona de Murillo; no seu olhar havia tanto brilho, que parecia que uma febre ardente escondia o cerebro dessa pobre mulher; os seus labios eram descordados como os labios de um morto; os seus cabellos pretos e soltos, ora agitados pelo vento da noite, ora molhados pelo orvalho da manhã, pareciam uma nuvem negra, que envolvia um semblante de santa.

— Silencio! dizia a douda olhando para o mar; silencio, meu filho dorme sobre o oceano; mas tem tanto frio! vem meu filho, chega-te, meu anjo. Porém o que vejo! aquella onda medonha, levantada pelo vento do inferno, lá arrebata o meu filho, lá está elle gemendo sobre as vagas, morto, morto, meu Deus, protegei-o! Ah! chamei por Deus em vão, morreu meu filho; porém a Mãe do creador não me ha de desamparar, ha de attender ao pranto e a saudade de uma pobre mãe! E a infeliz começava a dirigir-se para a capella de Nossa Senhora da Copacabana.

E muitos tinham medo dessa pobre mulher!

Poucos, bem poucos, lançavam um olhar de dó e de compaixão quando a viam.

— Compadre Ambrozio, dizia um velho, falando com um pobre pescador, que se achava deitado na praia; não tens medo de dormir ahi?

— Medo de que? respondeu Ambrozio.

— Não sabes, que a esta hora costuma appa recer neste lugar um phantasma?

— Um phantasma! disse o pescador esfregando os olhos.

— Sim, dizem que é o diabo, que lembrou-se de vir tomar banhos nesta praia!

— Qual o diabo! é algum escravo que fugiu, e que anda por ali a tomar ares. Por Nossa Senhora da Boa Viagem, se o pilho o enforço!

— Olha, compadre Ambrozio, alli junto á ermida, lá vai elle, e como é alto e feio! meu Deus, minha Nossa Senhora, valei-me, disse Caetano fazendo cruzes na testa.

— Pois eu lá vou; pela Virgem da Boa Viam, mato-o com este remo; espera, tratante, disse Ambrozio, tomado o seu chapéu de palha, arregacando as calças até acima dos joelhos, e levantando sobre os hombros o remo de sua canoa.

— Cuidado, compadre Ambrosio, cuidado. Ah! e como faz frio, disse Caetano, embrulhando-se no seu capote de baeta azul.

— Isso é medo, tens as mãos frias como o nariz de um gato!

— Não ouviste um ai?

— Foi alguma coruja que passou. E Ambrozio foi caminhando para a ermida.

Caetano apenas viu-se só, começou a correr como um veado, e sumiu-se.

Quando o pescador Ambrozio ia subindo o pequeno monte da capella, viu sahir por detraz de uma arvore um vulto envolvido em um capote preto.

— Onde vás? disse o vulto com voz estridente.

— Vou rezar á Nossa Senhora, e o pescador começou a tremer como se estivesse tiritando de frio.

— Resar a esta hora! estás doido?

— Perdão, e Ambrozio continuou a tremer.

— Retira-te, Ambrozio, vai cuidar de teus filhos; e o vulto desapareceu.

O pobre pescador desceu o monte correndo, tremulo e pallido como se tivesse conversado com o diabo em pessoa.

(Continúa).

A miseria.

O estudo da sorte das classes soffredoras é um grande problema que deve ocupar a atenção de todo paiz.

A miseria não exige remedio prompto, efficaz, que sane as suas sangrentas feridas só pelo aspecto que apresenta; a previdencia exige uma medida que tolha, quando menos, o seu desenvolvimento, para que algum dia o pobre, que gema por que sofre, não seja o collaborador do máo e do malvado em sua obra de destruição, como disse Victor Hugo.

Quantas vezes o homem não se perde, não se desvaira pelo sofrimento e não se arroja ao cri-

me ? quantas vezes a mulher, que nasceu bella, com quem a natureza foi prodiga de encantos, não se deixa seduzir pela miseria, vendendo o seu corpo, e depois, quando esse corpo se acha carcomido e gasto, vendendo também sua alma para poder comer, para poder comprar um pedaço de pão ?

A miseria é uma lima surda que vai gastando a sociedade, aniquillando-a por fim, se ella prompto remedio não procura dar-lhe. Como a lepra é a molestia do corpo humano, assim ella é também uma molestia do corpo social.

Bem como o terrível *Judeo Errante* que por onde passa deixa vestígios indeleveis de seu devastador poder, assim ella grava-se na phisionomia de uma nação, na phisionomia de um povo com um aspecto macilento, contristado, excitando a compaixão.

E' preciso não se ter penetrado ainda todos os seus horrorosos mysterios para desconhecer-se os males provenientes da miseria : é preciso não se haver ainda visitado esses tristes tugurios que servem de habitação ao pobre, para se conhecer que alli não mora sómente um homem, uma família, mora também a desgraça !

Entremos em uma dessas casas ; pelo chão sobre uma rôta esteira vemos deitados homens, mulheres, moças e crianças ; tiritando de frio uns aos outros se encostam, reciprocamente procurando se aquecer. Mas porque soffrem assim ? As moças são bellas e podiam vender sua beleza, para com esse ouro comprarem mais uma esteira e outras vestes que as abrigasssem do frio. Porque soffrem ? seus maridos, seus irmãos, seus filhos não trabalham ? Ah ! não ; já não podem trabalhar. O esforço e a luta paralisaram-lhes as forças, e enlouquecidos pelo desanimo deixaram-se cahir nos braços da descrença ; e a descrença é um terrível paradeiro onde a vontade do homem tropeça e cahe para não mais se levantar. Mas então porque soffrem tanto assim ? E' que o sentimento do honesto ainda pretende lutar contra o destino.

Lutará, lutará ainda por algum tempo, mas por fim, a sorte dessa família será a mesma que a de todas as outras. Não podendo supportar o peso do seu infortunio, ella se renderá, e depois, como o escravo do opulento, terá de viver vida apparentemente mais doce, amaldiçoando porém sempre o egoísmo na pessoa do seu *salvador* ! ..

Seus maridos, seus irmãos e seus filhos, que até então só haviam trilhado o caminho da virtude, vendem ante o aspecto da miseria a sua honra e moralidade; o espírito em luta com a matéria perde a sua força, nem mais se anima a combater.

E' então que esses homens começam a enca-

rar o mundo pela sua verdadeira face : por toda parte vendo o egoísmo, tornam-se egoístas, logo depois ambiciosos, e baldos de meios para saciarem essa ambição, torpemente atiram-se nos braços do vicio, e muitas vezes aninham-se no seio do crime.

O homem, filho de Deus e á sua semelhança feito, não é máo por natureza: as provações de sua vida, as necessidades por que quotidianamente vai passando, são a causa delle tornar-se máo.

O animal apanhado no meio das selvas, e em nossa casa, aos nossos cuidados alimentado, lambe-nos por fim as mãos e nos acaricia, ao contrario de seus irmãos, filhos dos mesmos paes, que desde pequenos aeostumados á rapina a nós se atiram e bebem o nosso sangue, fazendo de nosso corpo um pasto onde possam saciar a sua fome.

A miseria de um povo muito depõe contra o amor e solicitude com que os governos devem olhar para elle ; depõe contra mais alguma cousa...

Não terminaremos sem que nos seja dado servirnos das seguintes palavras de Victor Hugo, pronunciadas na sessão de 9 de Julho de 1849: « E' a anarchia quem abre os abyssos, mas é a miseria quem os cava. »

As allucinações.

Ha annos um viajante visitando Bedlan, celebre hospício de alienados na Inglaterra, e que algumas vezes tem servido de prisão, entrou no quarto de um louco mui conhecido — Black, denominado o *visionario*, que havia-se constituído o pintor dos espectros, e conversava com Miguel Angelo, fallava com Moysés, jantava com Semiramis, e era um dos mais assíduos frequentadores de Eduardo III.

No momento que o visitante dirigia-lhe algumas perguntas sobre esses illustres finados, Black exclamou :

- Caluda ! ahí vem Ricardo III !
- Onde o vedes ?
- Defronte de vós, do outro lado da mesa.
- Como sabeis seu nome ?
- Ha muito o conheço, mas não sei como.
- Qual é a sua phisionomia ?
- Bella, apezar de grosseira ; não a vejo senão de perfil... Mas... está voltando o rosto... Oh ! agora, sim, virou-se para mim... Quanto é horrivel contemplal-o !

- Poderieis conversar com elle ?
- Certamente ; o que quereis que lhe pergunte ?

— Se pôde justificar os crimes que commetteu em sua vida.

— Já lhe perguntei... Nossas almas conversam magneticamente: não necessitam de palavras para tornarem-se comprehendidas.

— Qual foi a resposta de Sua Magestade?

— Inutil é dizervos-a, porque não comprehenderieis a linguagem dos espíritos.

Esta anecdotá é a melhor desflinição que se pôde dar da demencia.

Examinai um hospicio e vereis que a maior parte dos alienados que o habitam, julgam ouvir vozes, distinguir figuras, sentir cheiros, aborrecer-se de manjares, e apalpar corpos que não existem senão em sua imaginação.

A firme convicção desses novos crentes, a realidade de suas creações phantasticas tornam-se sempre um assumpto admiravel para os que os interrogam.

Uma senhora de bastante espirito e instrucção, ultimamente nos dizia:

— O que entendéis por allucinações é para mim um facto tão positivo, como a minha existencia. Eu mesma tenho-as tido e ainda me parece ouvir as vozes que então me fallam tão clara e distin-tamente como agora ouço eu vossas palavras. Por que razão não acreditarei nellas?

Se mais a fundo procedermos á indagação desse phenomeno, veremos que não é tão simples como á primeira vista parece.

O louco illusoriamente avalia as pessoas e as coisas. Impressiona-se com as antipathias, acredita em influencias occultas e por toda a parte as vê perseguindo-o, rodeando-o e atormentando-o.

A allucinação depois de haver durado mais ou menos tempo ordinariamente acaba por extinguir a razão substituindo-a pela demencia, mas por isso não são unicamente parto da loucura: podem-se dar no ente que tiver a mais perfeita razão.

Esta verdade por muito tempo contestada começa hoje a ser reconhecida, graças ás numerosas observações que sobre ella se tem feito. O espirito pôde perfeitamente julgar da illusão do sentimento sem que por isso haja sido algum dia dominado por ella.

Para bem comprehender-se o ponto de contacto que algumas vezes a allucinação conserva com a razão, é preciso estudal-a nos diversos estados physiologicos em que ella se pôde apresentar e cuidadosamente apreciar a influencia que podem ter as idéas sobre o modo de sua producção.

Os sonhos, o enlevo e o extase sobretudo dos grandes poetas são o preludio das grandes creações.

E' a esse estado de enlevo e de extase, diz

Meister, que grande numero de pessoas attribuem os seus presentimentos, as suas visões, as suas conversas intimas com os entes de além-mundo, as suas viagens ao seu céo e ao inferno.

E' em identico estado que os homens de genio tambem concebem os typos mais formosos e originaes de suas obras; o poeta, o mais bello verso, que por certo lhe fugiria; o musico o mais expressivo e o mais brilhante de seus motivos; o pintor e o escultor o ideal de seus grandes trabalhos.

O sonho, ou para melhor dizer, esse extase em que ás vezes nos sentimos, considera-se no Oriente como o estado normal do espirito; e nenhum de seus habitantes quererá por certo renunciar a esse *doce fariente*, durante o qual vê ante si passar o mundo inteiro adornado com as cores mais brilhantes que a imaginação pôde desenhar.

A allucinação, ou a forma materializada do pensamento, como alguém a denominou, a cada instante representa-se em nossos sonhos. E nem por isso somos loucos, comquanto ainda physiologicamente não se tenha podido dar-lhe uma explicação.

Entre as observações que tendem a confirmar o que já dissemos, quanto á integridade da razão nas pessoas allucinadas, citaremos as seguintes:

Um artista inglez havia tirado em um anno trezentos retratos. Rogado pelo Dr. Wigan para revelar-lhe a causa dessa prodigiosa fecundidade, respondeu: — Eu não preciso mais que meia hora para ver qualquer modelo e bosquejar os seus primeiros traços; e quando quero retratar alguém, figuro comigo mesmo o seu rosto, imaginariamente sento o individuo sobre uma cadeira e tão distinctamente o vejo como se na realidade elle ahi estivesse.

O celebre lord Castlereagh, vinte annos antes de ser nomeado primeiro ministro, achando-se na Irlanda, viu diante de si na escuridão da noite uma bella criança ainda á meio envolvida no seu limbo.

O senhor do castello, onde residia lord Castlereagh, sendo d'isto sabedor lhe disse: — Então vistes uma linda criança, não é verdade? podeis dahi tirar o prognostico de uma grande fortuna.

Um dos factos mais notaveis é o de um magistrado que incessantemente tinha a seu lado um esqueleto. Chamado um medico, perguntou-lhe se naquelle momento o espectro se achava alli.

— Ao pé de miha cama, no meio dos cortinados, respondeu o misero.

O medico então collocou-se no lugar indicado e perguntou-lhe se ainda via o phantasma.

— Não como ha pouco, respondeu o magis-

trado. Porém parece-me ainda ver o seu crâneo por cima do vosso ombro.

Apezar do seu estoicismo, o medico não pôde deixar de voltar-se e de estremecer, ouvindo aquella resposta.

A estes exemplos poderíamos acrescentar os que nos deixaram o abade de Ranée, o barão de Geramb, Nicolão, Malebranche, Byron, Johnson, Pope, Gœte, Cromwell, Benvenuto Celini, e muitos outros que se acharam sob a impressão de allucinações mais ou menos maravilhosas.

Antes de terminarmos, citaremos ainda um facto de allucinação que poderá ser apreciado pelo seu lado comico.

Marc, celebre pelos profundos conhecimentos que tinha de medicina legal, dizia: — Quando virdes um alienado entregar-se a qualquer ocupação e não puderdes descobrir a causa, o movel, ficai convencido de que é a allucinação esta causa, este movel.

Assim pensando, cita a observação feita em um doente que havia tres annos costumava lamber dia por dia, hora por hora, as paredes do seu quarto.

Marc por diferentes vezes inutilmente procurou indagar delle a causa de tão extraordinaria mania. Um dia porém em que o enfermeiro se achava tambem no quarto, perguntou a este donde provinham as immensas manchas que na parede haviam.

— Manchas! exclamou o doente então rompendo o seu longo silencio: manchas!... então não conhecéis, não vedes que são laranjas do Japão?!

As luvas.

Não ha moça de não delicada, nem rapaz do tom, que deixe de trazer a sua luva de pelica.

E' possivel em um baile encontrar-se alguma moça com os braços descobertos, com o cabello sem enfeite, com o collo desrido, com um vestido simples, porém com as mãos nuas, sem luvas, isso não, é cousa que não se vê, nem em qualquer casa, em que haja uma simples contradança.

A luva pois é tão necessaria para quem vai ao baile, como é preciso o lenço para quem tem defluxo.

Na verdade, a mão mimosa e pequenina, como a de uma boneca, coberta com uma luva de pelica, que fique justa aos dedos, parecendo constituir uma nova pelle formada pela arte, adquire tanta graca, tanto feitiço, que obriga, ás vezes, a meia duzia de namorados a andar de beiço caido e de cabeça tonta.

Ah! que bella invenção não foi a luva!

Antigamente usavam-se luvas de couro, depois começaram a aparecer as de algodão; hoje as que estão mais em moda são as de Jouvin, que é um Monsieur, que sabe fazer luvas melhor do que ninguem.

Em França as luvas começaram a ter voga no reinado de Henrique III, porque uma fidalga que tinha influencia nessa corte, principiou a usar desse enfeite, e então todos quizeram imitar a favorita do rei!

E é assim que quasi todas as modas tem aparecido.

Uma dama de Henrique IV foi a uma caçada, o ginete atirou a cavalleira ao chão, com a queda foi-se o penteado da dama; então um fidalgo deu à duqueza algumas fitas para ella atar o seu cabello; e desde então ficou sendo moda trazer fitas ao cabello!

Outr'ora quando qualquer valentão queria fazer algum desafio, arremeçava a sua luva ao chão, e aquelle que a apanhava dava a entender que queria brigar, que aceitava o duello.

Na Inglaterra fazem-se luvas de gomma elastica, com as quaes se pôde lidar sem perigo com os acidos, alcalis, e saes, que mais vivamente atacam a pelle.

Assim como a cavalleira esconde, as vezes, uma calva carunchosa e feia, assim as luvas occultam tambem a mão grossa e rude como um pé de boi!

— Tem luvas de lá de senhora? disse um moço entrando em uma loja.

— Dessa lá não tenho, respondeu o caixero.

Quando algum vestido lhes fica justo, e assenta no corpo, dizem logo:

— Está que é uma luva.

Quando se quer obter uma casa em alguma rua importante, para se alcançar a chave, é preciso dar uma boa quantia, a que se chama — luvas.

E ha vivorios que fazem fortuna com umas luvas.

A luva é um enfeite precioso; no baile torna bella e macia a mão da moça, e oculta muitas vezes a cartinha de namoro.

E' um enfeite, que a etiqueta não dispensa; fazer uma visita de cerimonia sem levar luvas, é o mesmo, que sahir de casaca sem gravata ao pescoço.

Vivam, pois, as luvas, quer as de Jouvin, quer as de outro qualquer Monsieur, que houver por ahí.

O espelho.

Assim como o mar, o rio, as aguas reverberam a luz do sol, a imagem da luna, a pallidez das estrellas, assim o semblante reverbera o sentimento, assim a palavra reverbera o pensamento.

A superficie das aguas é vasto e polido espelho em que o céo se mira dia e noite; o semblante é tambem o espelho de nossa alma; e a palavra, expressa na voz, no jornal, no livro, o espelho das idéas, o espelho do pensamento.

As imagens representam-se na lamina, as palavras gravam-se no papel; eis ahi a diferença. Aquellas desapparecem, estas duram apesar dos annos, apesar dos seculos.

A Guthemberg devemos a descoberta que aperfeiçoou, tornando mais facil e mais perduravel, o meio de reflectirem-se as idéas, os pensamentos, as palavras. A um veneziano devemos o aperfeiçoamento das antigas folhas de mica e talco conhecidas dos Egypcios, e o dessa maravilhosa combinação com que Archimedes incendiou as náos inimigas.

Guthemberg com a sua descoberta operou uma revolução applaudida pelos homens, em razão dos benefícios que a humanidade colheria. Um veneziano com o seu invento conquistou as sympathias de todas as damas.

Guthemberg acoroçou a intelligencia, o veneziano animou a *coquetterie*. Ambos foram admirados, festejados ambos.

Mas, cousa notável! De inventores passaram elles mesmos a ser espelhos. E a sorte da humanidade, é a sorte das grandes e pequenas cousas. A virtude, a gloria, reflecte-se no homem de genio, no homem virtuoso, tornando-se elle por isso o espelho em que nos devemos mirar na nossa peregrinação terrena.

O vicio tambem tem o seu espelho, assim como a desgraca, assim como a escravidão, assim como a velhice. O espelho da velhice é o carunchoso rosto de uma mulher de noventa annos.

Quando vemos algum devoto de Baccho estendido no adro de alguma igreja ou nos lagedos de alguma calçada, não o spontamos dizendo: mirate naquelle espelho!?

Já vê o leitor, ou a minha bella leitora que se ha cousa que mais abunde neste mundo são os espelhos.

Até a fechadura tem o seu espelho.

Nicolão.

CANÇÃO DO COSSACO.

Eis lançado por terra o colosso
Que assustará os leões do occidente!
Já no campo da luta aguerrida
Folga a turba que há pouco abatida
Fôra pelo monarcha valente,

Derrubado do norte o gigante,
Vão as aguas gaulezas voar,
E as amigas phalanges unidas
Vão de novo no erro embebidas
Novo pleito com o filho travar.

Loucas! loucas! nações imprudentes
Onde a honra não guia o valor;
Segue o franco o bretão á batalha,
E com pejo seu fausto amortalha
Triste a historia, que os segue com dôr.

E dos tempos a voz que não morre,
E dos mundos o écho stridente,
Commemora entre os seculos a era
Em que a França soberba quizera
Conquistar a Bretanha potente!

E hoje amigas! Que laço! Que engano!
Crer a estranha alliance eternal;
Lutam ambas em busca de... gloria,
Mas a quem mais couber a victoria
Seguirá o rancor da rival.

Eia! avante, cohortes luzidas!
Sus! avante no pleito impossivel!
Brame e ursa nas plagas geladas,
E as montanhas de neve trajadas
Riem do plano julgado exequivel.

Sobre o solo selvagem — despido,
Té das urzes do agreste alcantil,
Invenciveis, chamados escravos
Vão com as lanças pizar esses bravos
De orgulhoso dizer senhoril.

Será messe de corpos o campo
Onde hasteam guerreiros a cruz,
E os que vão pelo turco descrido
Hão de ver sobre o Don já crescido
Do seu sangue torrentes á flux!

Está lançado por terra o colosso!
Já não se ergue na arena o gigante!
Mas ainda palpita com vida
A memoria da força atrevida
Que dos fortes arroja-se avante.

Té parece que a sombra espantosa
Do monarca — soldado surgió
Mal o peso da lousa enlutada
Sobre a fronte de crepes ornada
Como estranho diadema sentio.

E lá corre — e lá brada ao cossaco,
Pés no gelo — nos labios rancor :
« — Morte ! morte dos fracos à massa !
« Morte, aos restos extintos da raça
« Que á Bretanha causava temor !

« Seja d'Alma a conquista mesquinha
« A só gloria que aos fracos deixemos ;
« E na liça, de i'migos cercados
« Amostremos aos falsos aliados
« Que mais fé do que elles nós temos.

« Não esvoaça nas filas russianas
« O turbante do turco maldito,
« Nem aos gritos de guerra sagrados
« Vem ligar-se — com ira soldados
« Anathémas do turco no grito !

« Morte ! morte — do pai ou do filho
« Brilha o ferro ! Qu'importa essa alliança !
« De rivaes que annunciam-se amigos
« Pavorosos augmentem-se os perigos
« Guerra aos rubros sequazes da França.

« Logo, então, quando o nosso estandarte
« Fluctuar, pregoando a victoria,
« Do colosso finado a mortalha
« Se erga negra no fim da batalha
« Enlutando-os — a nós dando a gloria.

« Seja messa de corpos o campo
« Que os de Christo profanam com a cruz,
« E os que vão pelo turco descrido
« Vejam fartas — no Don já crescido
« Do seu sangue torrentes a flux !

J. C.

1858.

A estrella da tarde.

A estrella da tarde sorri desmaiada
No azul embalada de um fogo vital :
Que luz vaporosa nos bellos pallores !
Que facho de amores ! que flor de crystal !

Murmura nas praias a vaga indolente
Um véo transparente se estende no ar ;
Os sylphos se fecham no seio das rosas
E as brisas saudosas murmuram : — amar !

Estrella do occaso, é a hora. Benvinda !
Que aurora tão linda, tão doce que tens !
A terra desmaia nos braços do goso,
E um doce repouso lhe entorna mil bens !

Benvinda ! aos amores que magico ensejo !
Desperta o cortejo dos astros do céo.
Estrella das sombras, ethereo portento,
Nas azas do vento — desdobra o teu véo.

Vem, que eu te saudo dormente do oecaso;
Explendido vaso de um novo fulgor,
A's almas que o fogo da terra queimára
Tu és como a ara de crenças e amor.

Meu labio seccou-se no sol do deserto,
Nem fonte ahi perto ! cruenta afflição !
Passei tateando nas sombras da vida
Como ave caída nos lodos do chão !

A taça dourada do amor e ventura
Achei-a bem pura — mas não a bebi,
Do éden da vida rocei pelas portas :
As mãos eram mortas ; ninguém veio alli,

Passei; fui sósinho no longo da estrada ;
A noite pesada descia sem luz,
Segui tropeçando n'un frio sudario ;
Agora um calvario, mais tarde uma cruz !

Estrella ! cansado das lutas, vencido,
Dos sonhos descrido, resurjo, aqui estou !
O manto da vida que cae-me aos pedaços
Recose-me aos braços que o frio engelou.

São crenças que eu peço de um gozo celeste :
No tronco ao cypreste — rebentos de flor ;
Aos prantos que chorar mais rir de docura ,
Mais pão de ventura, mais sonhos de amor !

Estrella ! — é a hora do gozo — desperta !
Uma alma deserta palpita de amar,
Vem, loura do oecaso, fallar-me em segredo,
Não fujas, é cedo ; não caias no mar .

MACHADO D'ASSIS.

Ultimo alento.

Vem, carinhosa amiga ! nos meus labios
Vem poiar um só osculo — memoria
Do tempo que voou...
Vem recordar-me os dias do passado,
Dessa quadra feliz dos meus amores
Que tão breve passou !

Vem, illusão das gratas innocencias,
Companheira fiel de minha infancia,
Instantes me sorrir...

Vem, dos meus pensamentos, pulchra imagem,
Como outro tempo, junto a mim propria
Ternuras repetir.

Vem, sombra angelical dos sonhos lucidos,
Animar este peito quasi exausto
No continuo arquejar...

Vem, casta filha da manção etherea,
Em segredo aos ouvidos meus, d'esperanças
Um hymno murmurar.

Vem, anjo de meus castos devaneios,
Cercar de lindas flores, por instantes,
Este pobre existir...

Vem, meiga estrella d'alva, ser o nuncio
De bonança, ficticia mesmo, ao triste
Sem crenças no porvir.

Vem, casta virgem de roupagens niveas,
Co'os labios teus, as faces rociar-me
Cobertas de pallor...

Vem; — e deixa que seja a luz esplendida
De teus olhos o sol de primavera
Que me falle de amor!

Vem, divindade, enfim, de cujos labios
Vi em sorrisos dimanar venturas
Nos dias infantis...

Oh! eu quero morrer! — mas um momento,
Mas um momento ainda, como outr' ora
Eu quero ser feliz!

J. DANTAS DE SOUSA.

Agosto de 1859.

A flor e a nuvem.

FABULA DE LACHAMBEAUDIE.

Reina o estio. — No valle
Languida flor emmurchece,
E chama, p'ra soccorrel-a,
Uma nuvem, que apparece.

« Tu que do Aquilão nas asas
Vais pelo espaço a correr,
Vê que de calor me abraso,
Vem, não me deixes morrer.

« Com essas aguas, que levas,
A minha dôr refrigerá. »

— « Tenho missão mais sagrada,
Agora não posso — espera. »

Disse e foi-se!.. De abrasada
Cahe e espira a flor tão bella:
Volta a nuvem e despeja
Quanta agua tinha sobre ella.

Era tarde!..

MORALIDADE.

Quasi sempre
Quando um desdotoso chora,
Rara vez no mundo encontra
Remedio ao mal que o devora;

Mas quando succumbe ao peso
Da desgraça que o persegue,
Mudam-se as scenas — louvores
Então não ha quem lhe negue!

Mas que vale esse apparato
Da verdade ou da impostura?
Nem lyrios, nem goivos tiram
Os mortos da sepultura.

PAULA BRITO.

Chronica elegante.

Deveremos esperar pela chegada do paquete inglez para noticiarmos o que de novo se tem dado no mundo elegante. Mas parece-nos que os olhares avidos das bellas leitoras já estão correndo todas as paginas desta revista em busca de alguma novidade de *toilette*, e por isso, e para não faltarmos a um dos fins a que nos propozemos, não ha outro remedio senão irmos até à rua do Ouvidor, que sem mais nem menos, é a rua Rivoli de Paris.

A nossa rua do Ouvidor já pôde dar que fallar a qualquer parisiense recem-chegado. A elegancia e a belleza deram-se as mãos e della fizeram um paraíso terreal.

E o *rendez-vous* do bello. O aristocrata e o burguez, o estudante e o caixeteiro não podem reprimir o murmurio de prazer que lhes paira nos labios quando avistam esse assedio da meiguice e da moda.

Não ha quem deixe de visital-a quasi todas as noites. O interessante rostinho da francesinha bonita, o meigo sorriso e a encantadora isempção da joven brasileira, tudo alli resplandece como a brillante luz do gaz, tudo alli convida ao passeio.

E o que diremos então de uns lindos olhos de certa caixirinha que brilham mais do que seriam capazes de brilhar todos os lampeões reunidos daquella rua!...

Temos divagado soberanamente. Vamos ao caso.

Como todos sahem para passear, e nós não somos nenhum misantropo, e mesmo como incorremos na obrigação de ser o chronista da moda, vamos — gozando do luar de nossa poetica terra e ao som dos beijos da viração que brinca — dar o nosso passeio á rua do Ouvidor.

Agora o tocador do realejo, as preciosidades do Boule e os *havanas* do Barreiros não nos importam.

O que avisto e onde quero entrar é na loja de modas de Mme. Hortense Lacarriere, brilhantemente illuminada e mais brilhantemente adornada com as bellezas da moda. Tudo o que de moderno existe apresenta-se alli a nossos olhos que não se fartam de ver tanta cousa bonita.

Os chales de pelucia e froco ornam o balcão provido; lindos vestidos de tafetá, que poderia trajar a Venus da fabula, se ella por aqui apparecesse (e eu creio que as há) também abundam com profusão.

Em casa de Mme. Catharina Dason não menor numero de preciosidades oferece-se a nossos olhos admirados. Os representantes da rua Rivali na rua do Ouvidor mandam de lá vir essa mina de encantadores inventos, de que tanto gostam as nossas moreninas de olhos negros.

Quanto às ultimas modas de Paris pouco podemos adiantar; diremos tão sómente o que nos fornece o interessante *Conselheiro das Damas* a este respeito.

Temos um grupo de *toilettes*, que podemos dividir do seguinte modo:

No primeiro vem *os* um vestido de tafetá ligeiro recamado de *bouquets* á Pompadour, interessante amiga das modistas. E' pena que já tivesse morrido, pois podia hoje fazer as suas delícias.

Mas, continuemos. Tem o vestido deus baba-dos; o corpo usa-se á Josephina, com cinto e fivella de aço; tudo isso, com alguns enfeites que Mme. Hortense Lacarriere sabe muito bem arranjar, fará de uma moça uma deusa, um anjo, uma sylphide, e de uma velha uma moça.

Por estas e outras é que muitas vezes ficamos com o juizo dos poetas, os velhos mettem-se a rabequistas e temos o mundo de pernas para o ar!

O segundo *toilette* é de cassa, ornado de volantes enfeitados de fitas e presos ao lado por um laço. As mangas são largas e muito abertas, como já se usaram ha annos; mas como ás vezes o que é velho também é bom, as amaveis modistas julgaram á propósito abrir a cova e desenterrar as pobres mangas largas. E' mesmo melhor: o vento entra por ellas e brinca com os bracinhos das interessantes leitoras.

O terceiro *toilette* é de tafetá siciliano e o saiote ornado de dous volantes bordados. O corpo do vestido é decotado.

O quarto enfim, o de uma menina, é de cassa branca. O saiote tem enfeites. O corpo do vestido é decotado. As mangas largas e com sofós. E' um *toilette* muito elegante.

Sentimos não poder ser mais extenso; as nossas bellas leitoras certamente nos perdoarão.

Quanto aos leitores, se quizerem tambem saber o que ha de novo, vão visitar o Blachon e o Curvello. Mas, ah!.. esperem... não fiquem de todo descontentes. O que de novo ha é a calça balão ou a calça á machambomba, como dizem os petalogicos.

Estão satisfeitos? Então com esta despedimo-nos por hoje.

Notícias à mão.

(CHRONICA DA SEMANA.)

A semana acaba de registrar um acontecimento notável. A morte da rainha Stephanía, deixando a coroa de Portugal cheia de luto. O povo e a realeza pouco tempo gozaram de suas innumeráveis virtudes, e a imprensa de ambos os partidos se deram as mãos, e como irmãos sinceros sentiram essa perda lamentável que acaba de sofrer o mais esperançoso dos reis.

— Confirmou-se a notícia da paz da Europa. A Italia, segundo assegurou o imperador Napoleão, vai ser uma nação. Uma confederação de todos os estados debaixo da presidencia honorifica do Santo Padre juntará em um só corpo os membros de uma família.

— Não sabemos se ainda existe o asylo dos mendigos, mas parece-nos que não, porque se existisse para lá teriam já recolhido essa infeliz mulher, tão joven ainda, que todos os dias sentada sobre o frio lagedo do becco das Cancellas é um vivo protesto contra a humanidade e contra a civilisação do paiz.

— Recommendamos toda a attenção da autoridade respectiva para uma orphã de 12 a 13 annos, tutellada de um dos moradores da praia do Cajú, que á vista do publico emprega-se nos serviços mais grosseiros e improprios de uma menina daquella idade e tão merecedora de melhores protecções.

— São grandes os preparativos que se fazem para festejar o dia da emancipação política do imperio, esse dia immortal em que o Chefe da nossa Monarchia deu o primeiro brado de Liberdade nos campos do Ypiranga.

A sociedade petalogica mais uma vez se esforça para mostrar ao povo fluminense quanto lhe é grata a memoria desse dia, que com tanto entusiasmo preteende solemnizar.

— No theatro de S. Pedro de Alcantara ensaiar-se para a noite do dia 7 de Setembro o drama — *Cobé* — da insigne penna do Snr. Joaquim Manoel de Macedo.

— Já os leitores devem ter sabido pelas folhas diarias, que tomou conta da empreza do theatro de S. Januario o Snr. De-Giovani. Mas o que certamente ainda muitos ignorarão é que a companhia sob sua direccão tem dado alli mui bellos e concorridos spectaculos, e merece a geral coadjuvação do publico.

— SS. MM. II. pretendem este anno visitar algumas provincias do norte, taes como Bahia, Sergipe, Alagoas, Espírito Santo, Parahyba e Pernambuco. Aos presidentes destas provincias tem-se recommendedo toda a possivel economia para a recepção dos augustos visitantes.

— O Brasil — com todas as harmonias de sua natureza virgem, com todas as inspirações de seu céo annillado, recanado de estrellas scintillantes, com suas mattas cheias de reminiscencias e orvalhadas ainda com as lagrimas de seus verdadeiros filhos, tem dado já alguns poetas, dignos filhos de tão amena terra. No seu berço de flores tem pousado já alguns cantores meigos e doces como as suas harmonias cadentes, como os cantos dos sabiás de suas selvas, harmoniosos como a natureza que os rodeia em um riso de amores.

A patria de Camarão e Dias tem tambem seus trovadores, écho do genio destas terras dos Tamoios e Tupis. Debaixo desse sol de fogo tem palpitated corações ardentes de valor guerreiro, assim como tem resoado os versos de Gonzaga e Alvarenga, Dias e Magalhães.

A fecundidade do talento no Brasil é reconhecida.

Lidadores da phalange do progresso, « nos combates de idéas com gladios de luz » apresentam-se para receber os louros com que a opinião publica hade ornar-lhes a frente, em uma mão a palma da gloria, na outra a palma dos amores. E o amor e a gloria são o seu futuro e elles fazem palpitar-lhes o coração, ardente de seiva e bellezas de poesia.

Estas reflexões ocorreram-nos ao folhejar o volume do nosso poeta o Snr. Casimiro de Abreu. O que fazemos não é mais do que uma simples noticia, que concluiremos com as palavras do Snr. Alexandre Castilho: Deus o fadou poeta e brilliantissima lhe esculpiu na fronte a estrella do genio.

O futuro é da intelligencia.

Esperamos com fé no talentoso poeta, um dos nossos ornamentos no porvir. Que a desesperança não venha com as suas azas negras toldar um horizonte tão lindo.

D. Stephania.

Quando no principio desta revista traçamos algumas linhas celebrando o dia do feliz con-

sorcio da nossa adorada Imperatriz, longe estávamos de pensar que teríamos logo depois de registrar uma infesta e acerba noticia. Fallamos da morte da Snra. D. Stefania de Hohenzollern Sigmarigen, rainha de Portugal.

Não a lamentamos aqui com as neniais pautadas dos paços, não; biographo e democrata encontrámos na finada princeza meritos que todo homem — não importa a sua opinião, deve lamentar perdidos; dotes que a faziam tão cara e que tanto a fazem ser chorada!

Ella tinha a triplice realeza — da mocidade, da belleza e da virtude. Entrou o Tejo com essa riqueza de flor e de santa, para morrer dahi a pouco tempo. Não o esperava, ninguem o esperava. Entrou no meio de palmas e bençãos para cahir entre prantos e saudades: entrou rainha, para cahir cadaver!

Curtos dias de rainha e curtos annos de mulher lhe enloiraram esses tres dotes que lhe deram a natureza e a educação; a mocidade, a belleza e a virtude.

Se ao menos a ampulhetta da vida se medisse pela extensão desses tres dons!... mas é que a morte, que *não distingue os amantes*, como disse o poeta, tem comodo o instincto de fazer cahir tudo o que é bello, tudo o que é joven, tudo o que é virtuoso!

Ella vivia entre duas affeições muito caras, muito santas: — a do rei e a do povo.

O rei a amava como o anjo que lhe suspendia sobre o lar as rosas das venturas domesticas; — amava-a como se ama a esposa sobre cuja fronte irradia a virtude, a mocidade e a belleza. Amava-a como rainha, como antes a tinha amado como mulher.

E o povo! aquelle povo que por tantas provações tem passado nestes ultimos tempos, como estimava tambem aquella fada da felicidade publica, como da felicidade domestica!..

Desde a sua entrada em terras de Portugal o povo bem vira que um reinado de paz e de ventura começava a sorrir-lhe no horizonte; era um par cheio de vida e de esperanças quem lh'o assegurava. Mas enganou-se a previsão do povo, falhou a profecia instinctiva do paiz.

A natureza que se desenrolava azul e de rose turvou-se totalmente; a rainha, objecto dos cultos do rei e do povo, morreu, e foi rolar belleza, virtude e mocidade no pó frio do tumulo. A's galas sucedeu o luto, não o luto oficial, mas o luto das affeições, o luto das almas.

Choremos com o povo! Chronista das sepulturas derramemos em memoria da rainha morta, como um epitaphio da posteridade que começou para ella, o pranto da saudade.